



## DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

# Esperança

O nosso Carlinhos espera vir a ser gestor de um hotel. Decerto que ele vê ali um mundo em que nada falta, onde caberão o seu pai, ele, e outros que não expressa, mas que terá no seu subconsciente.

Esta é a sua motivação principal para estudar. Aplica-se o melhor que pode, cheio de vontade mesmo com algumas falhas; e procura munir-se de tudo o que necessita para as suas actividades escolares. É muito cuidadoso consigo mesmo e com o que lhe pertence.

Costuma dizer-se que mais importante que ter é ser. O exemplo de vida do Carlinhos obriga a afinar esta ideia, pois mais importante ainda é esperar vir a ser.

Assim é de facto. Nunca

vi um homem bom considerar-se a seus olhos como tal. Antes procura incessantemente a bondade que sabe não residir nele. Aliás, mais do que aquele que o não é, constantemente descobre em si nichos de imperfeição. Ainda assim não perde a confiança, que não tem em si mas n'Aquele que é bom por sua própria natureza, para vir a chegar, como o Carlinhos, ao hotel onde nada falta.

A esta lição de vida, nem todos aderem, e não fazem como o Carlinhos; antes deixam-se paralisar com o medo de ter objectivos e de correr riscos, a que se sujeita quem vive. Optam por enterrar as suas capacidades, não as pondo a render. Deixam-se ainda, em certas circunstân-

cias, manietar por esmolas, que até o Estado lhes dá, fazendo-se profissionais da caridadezinha.

A nossa actual situação social está cheia destes exemplos, naqueles que se tornaram um alfobre de votos certos, não mais se dando ao esforço de ganhar o pão com o suor do rosto.

Esperar vir a ser, é a motivação mais importante para crescer na vida. Ter e ser são dados alcançados que não a impulsionam, unicamente a permitem disfrutar. Amorfa é a vida que neles se deleita.

O salmista dizia: «Espero vir a contemplar a bondade do Senhor na terra dos vivos»; já participava na bondade, mas, como ainda a não conhecia plenamente, esperava vir a pôr nela o seu olhar. É um convite a ir mais longe, não para conquistar uma coroa efémera, mas uma coroa de glória sem a presença de derrotados.

O Carlinhos já é, mas ainda não aquilo que espera vir a ser. Também nós esperamos que as seduções e amarras com quem ele se cruza no dia-a-dia não o encantem e lhe possam vir a apagar o sonho de chegar a ser, um dia, gestor de um hotel onde nada falta. □

## PENSAMENTO

Pai Américo

Nós aspiramos à Eternidade. «Vimos a estrela», disseram os Magos no seu entusiasmo fervoroso. Chegaram ao fim da jornada, venceram todos os perigos e, no final, «com grande alegria», acharam Quem procuravam. Assim nós.

in *Pão dos Pobres*, vol. 1, p 165

## CALVÁRIO

Padre Baptista

# Olhares

N<sup>O</sup> Calvário temos alguns doentes totalmente dependentes desde o nascer. Alguns em carros de rodas; outros deitados permanentemente nos leitos. Muitos são ainda novos; outros já com alguma idade. Alguns ainda conseguem comunicar normalmente; outros com muita dificuldade manifestam o que sentem e desejam.

Diante deles há olhares muito diferentes.

Há olhares que se fecham para não ver. Alguns espreitam, mas logo esquecem o que viram. Outros observam e afligem-se, pensando que também poderiam ser iguais a eles. Muitos têm pena que alguém seja assim e lamentam a infelicidade que têm na sua frente. Há, ainda, o olhar do clínico que classifica a situação e o do psicólogo que propõe soluções.

Também há olhares que se inquietam verdadeiramente: São os dos voluntários que aqui vêm ao longo da semana e tomam os doentes ao colo, lavam-nos, dão-lhes de comer e mostram que são amigos e que eles são iguais a todos os outros.

Mas, precisamos de mais: de olhares amigos que sejam como os de Maria, João e Madalena, e permaneçam ao pé da cruz que eles transportam.

Senhor, não me deixeis desviar o olhar daqueles que Vós amais. □

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

R<sup>ESPONDI</sup> ao pedido de um pároco, do centro do País, a pôr-me um problema habitacional de uma família que vive num autêntico pardieiro.

É uma situação conhecida por mim, há mais de oito anos.

O grupo Caritas da freguesia, mais outras pessoas de boa vontade, a Câmara e a Paróquia, pretendem recuperar uma casa inacabada e inabitável, propriedade da Cabeça de Casal, uma viúva que ampara a mãe, mais três filhos, uma nora, ou mais claramente, uma namorada do filho mais velho.

Diz-me o pároco que o orçamento para concluir a casa é de 24.800€, sendo o mais baixo entre alguns concorrentes.

Alegra-me que o pastor se meta nesta alhada tão grande para salvar as ovelhas esquecidas. É um sinal positivo. É um caminho de conversão e também uma resposta aos apelos do Papa Francisco.

Cuidar dos pobres é uma acção arriscada, mas sempre com um fruto apostólico indefectível.

Ninguém se admire que eu fale de um caminho de conversão, relativamente a um padre. O facto de, um sacerdote ser normalmente um homem religioso, mentor de formação sagrada e presidente dos actos mais importantes do culto divino, não quer dizer que se aproxime de uma vida igual à de Jesus Cristo, que não tinha uma pedra para reclinar a cabeça, Se fez Pobre e Servo dos Pobres.

A conversão é um estado de inquietude permanente em que todos devíamos viver, sobretudo os cristãos e, mais ainda, os Padres e os Bispos.

Muito antes do Vaticano II e da criação da Caritas, já o Padre Américo proclamava, neste Jornal, que cada freguesia cuidasse dos seus pobres. Nessa altura, um alerta exigente, incomodativo, evangelicamente salutar. Era já a proximidade tão acentuada pelo actual Papa, pois, os pobres de cada freguesia devem ser os primeiros a ocupar o coração dos pastores e ninguém está tão perto deles como os párocos e a comunidade a que preside.

Os pobres integram o corpo social mais abandonado e, por isso, devem ser os eleitos de toda a acção apostólica que começa por dar comida, roupa, casa, higiene, educação e fé.

Algumas conferências vicentinas, com espiritualidade forte para, em nome da comunidade, se dedicarem mais afinadamente a esta tarefa, foram perdendo o fôlego, encrostando-se em determinados

# Pelas CASAS DO GAIATO

## CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

**A POBREZA EXTREMA E AS OUTRAS** — Já vos demos aqui notícia das obras de renovação na primeira das casas do nosso Património dos Pobres que estão muito a precisar dessa intervenção. As obras nessa casa estão terminadas. Estamos agora no processo de passar para a segunda casa na nossa lista de prioridades e a cuidar da ocupação da casa agora renovada por uma família que dela muito precisa.

Neste tipo de situações são sempre muitos os candidatos que nos aparecem. Já aqui vos dissemos que, tendo em atenção todos os casos que são do nosso conhecimento, fizemos o que se impunha, ou seja, escolhemos a família que, de forma muito clara, nos pareceu com mais necessidade. Não é exactamente um caso do tipo que por vezes se designa de “pobreza extrema”, mas anda lá perto.

Agora é sobre este tipo de pobreza que queríamos fazer aqui algumas considerações. Nesta zona onde trabalhamos são muito pouco frequentes as situações de pobreza extrema. Também no resto do País actualmente estas situações são menos frequentes do que há décadas atrás quando, por exemplo, o Pai Américo por cá andava e criou as Casas do Gaiato.

Para quem tem a inquietação de ajudar os pobres e sentir-se realmente útil nesse serviço, as situações de pobreza extrema podem ser mais apelativas. Por serem “extremas”, estimulam mais facilmente o sentimento de solidariedade de quem quer ajudar os outros. Também do lado das pessoas ajudadas a disponibilidade para acolher a ajuda tende a ser maior do que noutras formas de pobreza. Finalmente, a eficácia da ajuda, no que se refere à resolução da situação de emergência social a que se destina, tende a ser maior do que noutras situações de pobreza. Se se trata, por exemplo, de dar de comer a quem tem fome, o efeito desta ajuda é quase imediato e é bem visível no que toca à resolução desse problema, nesse momento. Já não se poderá dizer a mesma coisa em termos de rapidez e de eficácia da ajuda se se quiser ir além dessa resposta de emergência, procurando ajudar as pessoas em questão a serem mais autónomas e lutando para que, na sociedade em que vivem, sejam reduzidos os factores que contribuem para que situações destas aconteçam.

Voltando ao tipo de situações de pobreza que, nos dias de hoje, encontramos com mais frequência nesta zona onde estamos, as características são outras. Temos, por exemplo, o caso do jovem que completou o seu ensino secundário com bom aproveitamento, mas cuja família não tem possibilidades para que ele prossiga os seus estudos e, por isso, ele precisa de procurar emprego. Como hoje em dia encontrar um trabalho remunerado é cada vez mais difícil, esse jovem passa os dias numa situação de frustração e de ansiedade cada vez maior que pode dar para o torto. Há, também, os outros jovens que entraram em ciclos viciosos de pobreza antes disto porque não só não fizeram estudos de jeito, mas também não trabalham, nem procuram seriamente trabalho. Há as pessoas doutros estratos etários que trabalham, ou que têm boas capacidades para trabalhar, mas tudo o que ganham, gastam de forma fútil, pondo em risco o sustento da sua família, quando a têm. Há os que ajudamos a encontrar um trabalho, ou a resolver uma situação de emergência na sua vida, mas que, depois, desbaratam essa ajuda no mundo consumista em que vivemos. Também há aqueles a quem ajudamos, quando isso foi necessário, mas que, recorrendo aos telemóveis, às redes sociais, ou simplesmente à coscuvilhice local, dizem mal de nós, ou mentem sobre nós, porque recusamos ajudar mais quando isso deixou de ser realmente preciso, ou simplesmente porque os pobres não são todos pessoas de bom carácter. Podíamos continuar aqui com mais exemplos, mas estes chegam para ilustrar a ideia de que se trata de situações com as quais é difícil lidar ou porque não temos ao nosso alcance resposta eficaz para elas no tipo de economia em que vivemos, ou, se temos essa ajuda é desbaratada num mundo onde campeia a futilidade e a desonestidade.

Sendo este o mundo em que vivemos, o que fazer? Ir à procura da pobreza extrema onde podemos ser mais úteis, ou ficarmos cá pelo sítio em que estamos? Cada um que faça o que a sua consciência lhe disser para fazer, mas, se o que nos guiar for o primeiro mandamento da Lei de Deus, então, não deverá haver grandes dúvidas na resposta a essa pergunta: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. Se o nosso próximo for a “pobreza extrema”, pois viremo-nos para aí, mas se o que Deus colocou no nosso caminho forem as outras formas de pobreza, então será por essas que teremos que responder quando Ele nos pedir conta disso. □

## PAÇO DE SOUSA

Fausto Osvaldo

**ADEGA** — Alguns dos nossos Rapazes andaram a fazer a limpeza à nossa adega, para a preparar para fazermos o nosso vinho. Lavaram as garrafas para engarrafar o vinho que o Mendão, o Paulo «Mudo» e o Júlio fizeram. A produção foi de duas pipas de vinho que é para o nosso consumo.

**TIPOGRAFIA** — Os nossos tipógrafos estão a fazer uma Revista sobre os 50 anos da existência das nossas Casas do Gaiato de Malanje e de Benguela.

A Revista apresenta fotografias des-

tas nossas Casas e dos nossos padres, fotografias antigas e modernas. Tem também textos dos nossos padres e de gaiatos. Quem quiser pode encomendá-la à nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

**BIBLIOTECA** — O Bruno costuma organizar os livros da nossa biblioteca para quem os quiser requisitar. Lá podemos encontrar livros de contos, poesia, infantis, de aventuras, romances e muitos outros géneros de livros, e também há os nossos jornais desde os mais antigos.

**CATEQUESE** — Os nossos Rapazes já começaram com a catequese, para aprender a conhecer Nosso Senhor. Com a catequese eles aprendem a ser homens de bem para a sociedade. Na catequese também serve para nós rezarmos e para cantarmos músicas da Igreja. A minha catequese vai ser na paróquia de Paço de Sousa para fazer a preparação para o Crisma.

**MÚSICA** — O nosso professor de música já começou a vir cá ensinar alguns dos nossos Rapazes que estão a aprender a tocar alguns instrumentos. Aprendem também a ler pautas musicais. Um dia esperamos que os cânticos da nossa Missa sejam acompanhados por estes Rapazes. □

## MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

**ARRANJOS** — Foram-se buscar cadeiras e mesas usadas à Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. Vão-se aproveitar para a nossa Escola – Centro de Estudo, entre outras salas. Muito obrigado!

**AGROPECUÁRIA** — Os dias estão mais frescos e tem chovido alguma coisa. Nas nossas oliveiras, temos visto as azeitonas a escurecer. Colhemos as espigas de milho grão, na terra nova, e guardámo-las no nosso celeiro. Há palha de aveia armazenada dos anos anteriores. As leiras de couve

tronchuda, plantadas na nossa horta, pegaram bem. Foram arrancadas as canas do feijão de trepar. Depois de ser preparado o terreno, ao longo do nosso muro a nascente da rotunda Padre Américo, instalou-se um sistema de rega e plantaram-se muitos pés de lauros para a vedação ficar mais bonita, quando crescerem. Os frangos tiveram de ser preparados para a panela.

**SAÚDE** — Os Rapazes têm sido encaminhados para as consultas de Medicina Dentária e outras especialidades nos Hospitais Pediátrico e

Universitário de Coimbra. O nosso bem-hajam!

**AJUDAS** — Várias pessoas, nossas amigas, por correio e pessoalmente vão-nos enviando as suas partilhas para ajudar às nossas necessidades. Os nossos vivos agradecimentos!

**40 ANOS EM S. JOSÉ** — Participámos na Celebração Eucarística festiva dos quarenta anos de Pároco nessa comunidade, do nosso amigo Padre João Castelhana, na Igreja de S. José, em Coimbra. Saúde e por muitos anos! □

## ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

José Martins

Realizámos o nosso Encontro/Convívio na Senhora da Piedade, Tábuas, Miranda do Corvo, no dia 7 de Setembro, como o planeado. Fechámos, assim, o círculo dos locais onde Pai Américo realizou Colónias de Férias para crianças e jovens. Foi um dia muito agradável, de fraterna convivência. Estivemos poucos, mas como os familiares eram mais numerosos, acabámos por juntar um grupo bem simpático. Partilhámos os farnéis, conversámos, comemos e bebemos, incluindo um cafezinho.

Depois do almoço fizemos um saudável passeio pela serra, até ao “moinho” do casal Octávio e Gina.

Chegada a hora da merenda, preparámos a mesa para o grupo presente e para a Comunidade residente na Casa do Gaiato de Miranda do

Corvo, com excepção de alguns, poucos. Conseguimos uma mesa bonita e recheada, que satisfiz a todos e deu sobras que foram recolhidas em caixas.

Tivemos a companhia de duas jovens e irrequietas cadelas, que fizeram as delícias dos gaiatos mais novos. Apenas um, menos habituado ao convívio com tais animais, não gostou da experiência, pois quanto mais ele fugia, mais elas corriam, brincando.

Foi montada uma mesa com artigos, oferecidos por alguns dos presentes, para serem vendidos a preço de rifas, com o objectivo de angariar base de apoio para melhorar as condições de vida de alguns dos nossos associados mais necessitados. Juntámos uma verba superior a cinquenta euros, o que foi muito bom, atendendo

ao número reduzido de presenças.

As instalações e o recinto do Santuário estão bem cuidados, embora haja ainda muito para melhorar.

Gostaríamos de ter conseguido uma maior adesão dos gaiatos antigos e dos associados, particularmente dos que residem perto. O ser humano desenvolve-se em sociedade; tem necessidade de se relacionar com os seus semelhantes. Todos nós devemos aproveitar as oportunidades de convívio com quem está ou esteve perto de nós ao longo da vida; para que nos possamos sentir acompanhados nas vitórias e nas dificuldades.

O convívio, a solidariedade, entre associados, e o fortalecimento dos laços de união com a Obra da Rua/Casa do Gaiato são objectivos da nossa Associação. □



## Revista A Obra da Rua 50 anos em Angola

Já recebemos pedidos, que prontamente foram satisfeitos. Os Rapazes da Administração estão a postos para despachar, via CTT, o número de exemplares que os nossos Amigos e Leitores pedirem.

Eis um pedacinho de como aconteceu, naquele tempo, em Benguela e em Malanje:

«A Casa do Gaiato de Benguela começou a viver no Internato de Santa Isabel, no vale do Cavaco, com 42 rapazes. O Padre Manuel António chegou a 16 de Novembro de 1963, acompanhado de 11 rapazes que vieram com ele da Casa do Gaiato de Paço de Sousa para fundar a Casa do Gaiato de Benguela.» P. Manuel António.

«18/11 — Neste primeiro dia fomos todos visitar a quinta onde será a nossa aldeia do Gaiato no lugar do Culamuxito. Saboreámos com deslumbramento o abandono selvagem das avenidas, das árvores, das casas, das matas, dos macacos e da nossa lagoa — que nos encheu de paz... e da bica d'água — que nos deu esperança.» P. Telmo.

Para receber o seu exemplar, dirija o pedido à: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa, pelo telefone 255 752 285 ou por e-mail: obradarua@iol.pt.

Júlio A. B. Fernandes

## SETÚBAL

Padre Acílio

## Barulho na escola

A mandado da professora, dois pequenos meus apresentaram um trabalho de Português sobre os primeiros dias de aulas.

Como o encarregado de educação deve assinar, com o professor, o teste dos alunos, eu não só assino, mas também, quase sempre, leio e corrijo paternalmente os rapazes.

Dois deles, um do 5.º e outro do 6.º, afirmavam não gostar da Escola por causa do barulho.

Estranhei a reacção das crianças e perguntei: — *Mas, numa escola com tanta gente jovem tem de haver barulho?!*

— *Ah, não! É nas aulas. Primeiro que se calem demora muito tempo!*

Então compreendi. O que me pareceu motivo de desgosto transformou-se em causa de alegria. Os pequenos gostam da ordem e detestam a balbúrdia.

Nas primeiras reuniões com os directores de turma, tanto o ano passado como este ano lectivo, tive ocasião de ouvir as queixas amargas daqueles encarregados de recolher a impressão dos seus colegas.

Dirigindo-se aos pais, ou melhor, em maioria às mães, as directoras de turma repetiam angustiadas a incapacidade dos professores manterem silêncio nas aulas, enquanto ensinavam.

*Que os pais insistissem em casa com os filhos, mais ainda com as filhas, sobre a obrigação de estarem calados na aula. Que a expulsão da sala, com respectiva falta, era*

*o único castigo que lhes era permitido e que, muitas vezes, os alunos e alunas ainda saiam da sala com ar de gozo e de vitória.* Ouvi, muito magoada, a directora de turma, vencida e impotente, desabafar com os encarregados de educação: **É a sociedade que temos!**

Naturalmente, os papás que só têm um filho projectam-se no seu descendente e... fazem dele ou dela o seu reizinho. É tudo pró menino, que ninguém o contrarie, a criança tem direito a tudo, não é educada nos deveres, nem a vencer contrariedades. Não pode chorar e toda a gente é obrigada a suportar as suas birras, até que sejam satisfeitos os seus caprichos e ansiedades. No seu meio é admirada por todos e ninguém lhe nega o culto de que ela se tornou senhora.

Quando chega à escola, tenta ganhar novamente o seu campo e, como ele repentinamente se alargou, aventura-se a atraí-lo todo para si, e como toda a gente faz o mesmo, estabelece-se a algazarra com a mesma naturalidade como à flor se segue o fruto.

*É a sociedade que temos.* Que os nossos políticos criaram e que a Igreja permitiu e a que não se opôs decididamente.

A Fraternidade não é um conceito abstracto. É um facto objectivo que se recebe no berço. Um filho único dificilmente aprenderá o que é ter irmãos. Dois irmãos correm o risco de rivalizarem um com o outro!... **Crescei e multiplicai-vos**, diz o Autor da Natureza.

Ele fala, não como quem aconselha, mas como quem conhece a natureza humana na sua essência pura. Deus não liga às maiorias

políticas, nem que sejam absolutas, liga, sim, ao Ser Humano.

O nosso povo, onde por vezes ainda se encontra a intuição do Divino, diz no seu adágio: — **Deus perdoa sempre. Os homens perdoam às vezes, mas a Natureza nunca perdoa.**

Construir uma sociedade com estruturas anti-naturais é cavar a sua própria ruína.

## Banda

A nossa pequenina Banda sofreu duas baixas importantes. O bombardino saiu.

A sua mãe, sempre com medo de nos aposarmos do filho, não descansou enquanto não descobriu um estratagema para o tirar da Casa do Gaiato. O rapaz estava com 19 anos, tinha o 12.º ano, carta de condução, sabia música e era uma pena perder-se na Casa do Gaiato. Aqui não poderia fazer um Curso Superior e preparar-se melhor para vencer na vida. Não. Nós podíamos comer-lhe algum membro ou explorar as suas capacidades.

Foi fácil. Um telefonema para o meu telemóvel, uma mentira bem urdida e pronto: — *A vida aqui não está fácil. Tenho a minha família em Moçambique e resolvi voltar para lá. Quero levar comigo o meu filho.*

Que havia eu de responder?  
— *Pois está bem, o Zé está um homem!... Que vá!...*

Mas, afinal...! Moçambique era em Alcochete e o Zé foi para casa de uma tia à beira Tejo.

A Banda ficou sem bombardino. Temos de arranjar outro.

A segunda baixa foi de um saxofonista. Estava no 11.º Ano. Do mesmo modo, a mãe veio com uma mentira. Tinha de levar o filho para Itália. O bilhete estava comprado e embarcaria naquela noite. Não sei ainda se a Itália era no Barreiro.

A Banda tem vários saxofonistas. Os rapazes vão crescendo e a baixa vai-se suprimindo mais facilmente que o bombardino.

Tocámos à frente da Casa da Cultura desta cidade de Setúbal no 5 de Outubro.

Juntaram-se umas dezenas de pessoas para saborear a harmonia, o contraste dos sons e aplaudir os Rapazes.

No fim, visitámos juntos a Casa da Cultura, apreciando duas exposições de pintura e os espaços dedicados a figuras da Revolução de Abril.

## Desfile de modas

A D. Adelina, que ao longo da vida nos tem acompanhado com a sua dedicação e trabalho e, até, durante alguns anos com o das suas alunas, promoveu mais uma vez, um desfile de modas da sua Escola Internacional, sediada em Setúbal. Cheias de originalidade e engenho, foi muito agradável ver as meninas e as senhoras manifestarem-se vestidas com os seus próprios talentos.

Como o produto deste desfile reverte a favor da nossa Casa, fomos com a Banda a brilhar o evento.

Um sucesso de palmas! □

## VINDE VER!

Padre Quim

## «Dá e ser-te-á dado»

É desafiante este convite, mas é dele que nasce a alegria de quem dá sem medo de perder. O nosso mundo tem ânsias de ganhar! Acumular tesouro onde o ladrão pode roubar e onde a traça rói, é o mesmo que pisar em terreno desconhecido e inseguro.

Foi no decorrer duma reunião de chefes, em que tanto se pediu para que se fizesse tudo para ajudar os rapazes a exercerem as suas obrigações comunitárias, desde o estudo aos trabalhos mais simples de Casa.

O chefe é o guia. O bom porto à vista se topa quando bem conduzidos pelas suas orientações. Mais do seu exemplo do que das suas palavras. Dá primeiramente tu, consoante as necessidades do teu irmão. Olha para ele. Esquece-te de ti. Dá de graça que o resto não é da tua conta. Não te preocupes com a colheita, faça-se bem a sementeira, por agora.

Dar do que é seu aos que necessitam para experimentar uma alegria que ninguém pode dar, nem tirar. Vivida e sentida por todos os corações movidos pela causa infeliz do próximo. Aqueles que ficaram sem nada, nem ninguém, nas esquinas aguardam pela passagem do bom samaritano.

A rua é a ruína da criança! A vadiagem tudo desconcerta. A indiferença é um desastre, um defeito crónico das chagas purulentas do ser humano. A omissão a tudo aquilo que concorre para o bem do próximo, é um mal acentuado do nosso tempo.

«Tudo aquilo que tu gostarias que os homens te fizessem, fá-lo também tu a eles». E ainda a propósito: *aos mais pequeninos a Mim o fazes.* Acentuou naquele tempo o Mestre da doutrina do Pai Celeste. Dito a favor dos pobres. «Nunca nenhum homem assim falou». Ao invés de o prenderem, como estava mandado pelas autoridades, ficaram eles presos e maravilhados à Boa Nova da libertação. E ninguém Lhe deitou a mão. E o Missionário do Pai Eterno seguiu o seu caminho.

A generosidade é vencedora das amarras do egoísmo! Embora o capitalismo resista à solidariedade. O lucro desmedido e a usura, dominam o coração. Terreno fértil onde a fraternidade deveria produzir frutos abundante. Ora sessenta, ora cem por um.

Quando damos hoje, até o que nos faz falta, é quando estamos preparados para receber outro tanto amanhã. Quanta paz o homem não deixa de vivenciar, quando fecha a porta da partilha aos mais necessitados. Quando um pobre vem mendigar em nossa Casa, eis que a hora da permuta de dons se aproxima. O pobre recebe o pão que sacia a fome natural — e deixa a paz a quem não tem fome de pão. É a hora santa. Luz e certeza dos mistérios. É entrar nos segredos do Pai do Céu.

Muitas famílias pobres vivem nos arredores da nossa vizinhança, e carenciadas de bens de primeira necessidade recorrem

à nossa Casa. São nossas irmãs, atiradas à míngua pelo sistema de injustiça, montado pelos mais forte.

O Evangelho é uma força terrível. A fórmula é clara, simples, humana e decisiva. É linguagem que incomoda o capitalismo dos nossos dias, não há dúvidas. Mas, a linguagem do Evangelho é toda assim. Há mais de dois mil anos que ressoa e deixa o seu eco nos corações. A alegria que se encontra em dar, mais do que em receber, é a paga correspondente ao bem que se faz aos caídos e abandonados. O Pai Celeste olha para nós, se nós bem olharmos para os interesses d'Ele.

Ora, o seu interesse é que nos amemos. □

## UM TELEFONEMA

Padre João

UM problema de reumatismo crónico difícil de diagnosticar e controlar, já lá vão uns anos, tem-me obrigado a deslocar-me várias vezes a Coimbra, aos HUC, onde o meu processo médico tem tido um acompanhamento de grande qualidade e com muita gente amiga, de há longa data, “pelo meio...!”. De facto, o interesse dos amigos contribuem muito para o nosso restabelecimento. Cá estou mais uma vez e desta para uma série de exames do foro neurológico, porque os efectuados à cervical e à lombar, nomeadamente, se revelaram inconclusivos... Tenho, por força desta situação, reflectido em muitas coisas da minha vida e, principalmente, no mistério do sofrimento.

Esta manhã, enquanto o nosso Tonito e o filho vieram “em

meu socorro” ao Lar do Gaiato de Coimbra, por causa de umas adaptações que são necessárias, por causa de algum deficit de mobilidade que já experimento, tocou o telefone. Era uma mãe angustiada, à procura do seu filho que supunha ter sido acolhido “no Padre Américo”. Na capa do “santo” cabe tudo!... Depois de acolher a sua angústia, conversando, percebi mais exactamente tratar-se da Casa Abrigo Padre Américo, na Ladeira do Carmo — um outro colo do “santo” nesta Cidade, ao cuidado da Ordem Terceira Franciscana. Tudo notas do mesmo cantar... Procurei elucidá-la das diferenças e animá-la na possibilidade de recuperação do seu filho — um jovem com pouco mais de trinta anos. Ela não se cansava de pedir o anonimato. Creio que o que acabo de expor em nada fere este pedido.

O meu pensamento e emoção voou para O GAIATO e para a figura incontornável que lhe serve de suporte e referência: o Padre Américo!

A Casa Abrigo nasceu no contexto da celebração do Centenário do Nascimento do Padre Américo nesta Igreja e cidade de Coimbra. Recordo a alegria e o contentamento com que, então, o nosso Padre Horácio acompanhava o nascimento e concretização deste projecto que, creio, continuar, por outro mote, o sonho do Padre Américo e de outras figuras de humanismo cívico e evangélico desta Cidade: Elísio de Moura, as Criaditas dos Pobres, entre outros. Permita Deus que esta mãe readquirira a paz e o consolo, para si e seu filho, neste colo de matriz e inspiração evangélica. □

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

defeitos humanos, por lhes ter faltado a luz evangélica que devia ter sido dada pelos párocos, sempre devorados pelos seus pobres como o Pastor pela ovelha perdida. Surgiram como alternativa, mais moderna e mais actualizada (?), os grupos Caritas, que em tantos casos, porque se lhes escasseou o sumo espiritual, se transformaram em meros distribuidores de bens, vindos da Comunidade Europeia e subempreiteiros da Segurança Social, sem qualquer reflexo apostólico. Quando a gente vê, como acontecimento raro, algumas pessoas da comunidade cristã, e os próprios grupos Caritas, a assumirem uma família degradada para lhe dar casa digna, é motivo de muita alegria!

Que não cessem a sua acção com a melhoria da residência; é urgente continuá-la para que, a pouco e pouco, a dignidade volte àquela família, e com ela se lhes desperte a luz da fé.

Tenho como prática dar às paróquias, assim empenhadas, metade da despesa. Como a Câmara comparticipa com 6.500€, mandei-lhes um cheque de 9.150€, tanto como aquilo que deve ser dado pela paróquia. □

## MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

O Vicente veio para nós aos onze anos. Vinha da Matola aqui a pé. São mais de 20 quilómetros. Toda a semana aparecia. Sentava-se à mesa cheio de fome. Regressava, porque sempre lhe dizia que tendo pai, tinha de ser ele a tomar conta. Ele voltava e sempre a mesma resposta. Até que um dia o pai foi parar ao hospital e pensava ele que iria morrer, porque estava muito mal. Nesse caso ficou, mas soube, mais tarde, que era mentira. O pai doente, sim, era um antigo guerrilheiro e não regulava bem da cabeça.

Ainda estávamos na Massaca. Um dia apareceu, acompanhado de mais uns quatro dizendo que tinha de o levar. Ia matá-lo para desfazer o feitiço, porque ele era culpado de estar doente. Antes de sair de Casa, avisei o Vicente que desapareceu na hora, saltando a sebe e esteve dois dias desaparecido. Corri à Barragem, pedi a intervenção da Polícia que veio logo. Quando chegámos, eles já se tinham afastado e a Polícia ficou por ali a vigiá-los, até que desistiram e foram embora. Passados uns anos, o pai morreu. Demos-lhe o necessário e ele foi. Regressou no mesmo dia muito triste porque só ele no funeral.

Uma tia que tinha, não apareceu e aos sete dias foi depositar flores na campa, como faz sempre que vem cá. Entretanto, cresceu. Um dia teve notícias de que a mãe, que não conhecia, estava em Magude. Foi à procura dela. Foi no ano 2000. Teve de atravessar o rio com a trouxa de roupa à cabeça para a procurar em Xinavane. Não encontrou.

Com muita aplicação fez o Curso Médio de Laboratório e foi colocado em Inhambane. Chegado lá, com papel de nomeação do Governo, o Director do Hospital não queria recebê-lo. Com garantia de alojamento completo e trem de cozinha, nada lhe foi dado e arranjou uma palhota para viver. Mas o Vicente é um belíssimo rapaz. Apresentou-se na Comunidade católica e ficou como catequista, o que ele tem desempenhado com diligência. Era especializado em laboratório para o HIV. As Irmãs Franciscanas tiveram pena e deram-lhe uma casa de quarto e sala. Após uns anos, pediu para tirar a licenciatura. Ficou com meio salário e demos-lhe, durante quatro anos, o apoio para alugar um quarto, alimentar-se, pagar propinas e o mais. Licenciou-se.

Veio a nossa Casa para dar graças a Deus, na Celebração do Domingo, e agradecer aos companheiros o sacrifício que tivemos de fazer por ele. Pus-lhe uma condição: fazer a homilia. Aceitou, mas pediu que estivesse vestido com a sua toga. E assim foi. Até me espantou o ângulo em que encarou as leituras do dia.

Não pôde estar presente o Pinto, que se formou em Administração Hospitalar, por ter adoecido. Vai aparecer esta semana. Não veio o Sebastião, ainda a contas com o exame final de medicina. Se os outros custaram, este muito mais e está a pagar o seus devaneios até que acabe. A aplicação e o interesse são o fundamento mais forte para chegar à meta do conhecimento. De nada basta a inteligência, que tanto serve para o bem como para o mal. Os três formaram-se na Universidade Católica da Beira. Outros já se formaram, outros ainda estão a caminho ou começaram e vão começar este ano e após outros se seguirão. Somos uma gota neste imenso Moçambique onde já há faculdades a mais e verdadeira formação a menos e muitos não encontram emprego. Pelo bem e pelo mal, graças a Deus. □

## BENGUELA

Padre Manuel António

## Vamos para a frente!

A nossa vida seja revestida, acima de tudo, do amor autêntico. O nosso coração não fique duro, nem fechemos as nossas mãos, diante dos filhos abandonados e dos irmãos pobres e indigentes. Deste modo, a experiência do amor gera confiança em nossos corações e alimenta a esperança em nossas vidas. Esta verdade só é realmente reconhecida, à medida que a experimentamos. O egoísmo e a indiferença, perante as necessidades dos pobres, por vezes em situações gritantes, fazem um coração gelado.

Ontem, ao sair dum encontro com uma pequena comunidade, comprometida na transformação da sociedade numa verdadeira família, na qual todos vivam como irmãos, um dos membros veio entregar-me um envelope. Abri e encontrei uma ajuda monetária para o sustento dos filhos abandonados, acolhidos na nossa Casa do Gaiato. O rosto de quem ofereceu estava feliz. O meu coração também ficou cheio de esperança. Viveremos com alegria e com paz, duas irmãs gémeas, na medida em que nos animarmos uns aos outros com a ajuda mútua. Estes sentimentos sejam uma célula viva do nosso coração. Vamos para a frente! O caminho é estreito e muito duro. Ao contemplar estes filhos a crescer, bem apertados ao nosso coração, uma pergunta sai, espontânea: — Que seria deles sem esta família, que é a Casa do Gaiato? Na medida em que os vossos corações os assumirem também, como parte do vosso ser, a vossa existência terá outra dimensão. Quem dera!

Há dias, perante a situação muito difícil por que está a passar a nossa Casa do Gaiato de Benguela, na dimensão económico-financeira, recebi a notícia dum ajuda. A grande e querida amiga D. Leonor, em Luanda depositou na conta da Casa do Gaiato de Benguela a quantia de cinco mil dólares. O seu coração de mulher e mãe destes filhos também, abre, de vez em quando, as suas portas. Deste modo, o pagamento dalgumas facturas foi possível. A resposta à pergunta que nos é feita pelos visitantes, acerca da origem dos meios financeiros que permitem a manutenção da nossa vida, está aqui. A Casa do Gaiato vive das ajudas que os corações generosos lhe dão. Quem dera que o horizonte da generosidade alargasse! Não só às pessoas particulares, mas às empresas também. Deste modo, com as suas ajudas tornariam mais sólido o seu alicerce na sociedade. É necessário, pois, chegar ao coração dos responsáveis. Alguns, felizmente, vêm a Casa do Gaiato de Benguela como parte integrante das suas vidas. É um ideal.

A abertura na cidade de Benguela dum empreendimento de grandes dimensões, aconteceu há pouco tempo. O maior hipermercado, de nome KERO, abriu as suas portas ao público. Os seus altos responsáveis tomaram a decisão de apadrinhar a nossa Casa do Gaiato de Benguela. Deste modo, a ajuda de produtos alimentares e outros, assim esperamos, será uma realidade. Fizemos o pedido na devida altura e foi atendido. A família de dentro e de fora das nossas portas, nas pessoas mais pobres e abandonadas, irão beneficiar deste bem social. É interessante verificar que o Abrigo dos Pequenos, centro acolhedor de crianças na primeira infância, abandonadas, está a beneficiar da ajuda do mesmo empreendimento, instalado na cidade do Lobito. Agora, esperamos seja a nossa Casa do Gaiato de Benguela. Com muita gratidão e votos de bom êxito na sua actividade comercial.

Todos os dias, de manhã e à tarde, contemplo a multidão de crianças que vêm, dos bairros próximos, frequentar a escola da nossa Casa. Na parte que toca aos nossos filhos da Casa, há uma grande inquietação no sentido de aproveitarem o mais que puderem o tempo escolar. Todos os pais responsáveis vivem intensamente esta fase da vida dos seus filhos. □

## PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

## Da célula à sala, que escolas de vida?

PARA educar um filho ou uma filha, convenientemente, será que se consegue dispor actualmente de famílias alargadas e de uma aldeia, quando se vive e comunica cada vez mais numa aldeia global, que é o nosso mundo ferido, urgente de esperança?

Nos contextos em que se desenvolvem os mais novos desde a infância, nomeadamente as famílias, o seu crescimento nem sempre acontece de forma harmoniosa. Em especial os adolescentes são lançados na sociedade à mercê de uma incultura, em que parecem prevalecer o egoísmo, o sucesso, o dinheiro e a violência. A tarefa inacabada e multifacetada, de estruturação de uma personalidade equilibrada, é de uma exigência tal que reclama pais, mãe e pai, devidamente preparados e com autoridade para os embates do crescimento e da sua inserção social até à desejada autonomia.

Porém, da imperfeição humana e da visível imaturidade dos cônjuges e do desrespeito, chega-se, infelizmente e às vezes facilmente, aos fracassos. O ideal nem sempre é o real, daí as elevadas taxas de divórcios e baixas de natalidade. Que presente e futuro para as famílias na sociedade em que vivemos? Contudo, o acolhimento dos homens e mulheres

feridos, pelas situações indesejáveis a que chegaram, é a forma cristã de agir na linha do Mestre: *Sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso.*

E o que acontece aos filhos e filhas quando os pais viram as costas? Noutras situações, até de equilíbrio conjugal, os comportamentos desviantes também surgem, pelas circunstâncias adversas e complexas em que os adolescentes e jovens se envolvem, pois o tempo de família é reduzido e é escasso o diálogo e acompanhamento pessoal. O convite à cultura do encontro é uma novidade sempre actual e permanente de matriz cristã, para injectar esperança no processo educativo e na sociedade em geral. É imprescindível cultivar boas relações entre os mais novos e os adultos de referência, pais e outros participantes na educação das crianças, adolescentes e jovens. O aumento de famílias monoparentais vem conduzindo a previsíveis consequências no desequilíbrio dos filhos.

Diante dos conflitos, o investimento no acompanhamento escolar é uma das áreas de intervenção a fomentar com determinação. Para uma desejada autonomia com êxito, as respostas profissionais para adolescentes desmotivados devem ser antecipadas, regressando a um paradigma de

orientação escolar mais técnico, indevidamente desprezado. Se é aceitável e desejável que a instrução se prolongue, nem todas as crianças e adolescentes têm as capacidades para um ensino formal.

Nestes dias, recebemos a informação de um Pedopsiquiatra sobre um relatório de um rapaz, com um problema de saúde grave, a caminho dos 17 anos, que apenas completou o 2.º Ciclo. Aguarda-se despacho superior para que possa frequentar um curso profissional, noutra oferta não estatal. Não tem parentes próximos dele, pelo que será de investir seriamente nesta vertente, numa engrenagem difícil. Quantos adolescentes perdidos e desfasados, em crescimento rápido, numa revolução digital permanente?

Desejam-se muito medidas acertadas para promover a família e a natalidade, para ajudar a construir a confiança nas gerações mais novas, confrontadas com o estigma do desemprego que é assustador também nos países ditos desenvolvidos. Se alargarmos o nosso horizonte, que futuro terão as crianças como as que fogem das guerras, descalças e famintas ao colo das suas mães? Gritaram-nos por um menino, em que um dos pais desapareceu e outro está muito

doente. Quando os vínculos familiares se fragilizam, a ansiedade dos filhos aumenta, pelo que a missão educativa é de uma enorme exigência, no sentido de proporcionar elementos aproximados a uma verdadeira família, com as referências materna e paterna.

Se a aldeia não ajudar a educar os nossos filhos e filhas, que nos exigem segurança, não é de negligenciar responsabilizá-los desde cedo pelos seus comportamentos, procurando apontar caminhos seguros, nos quais são previsíveis as quedas. Voar, é um risco necessário para se ver mais longe e mais alto, cujo medo se vai afastando com pequenos

voos, conforme se vai crescendo acompanhado. Quando os ventos contrários fustigam os mais débeis, é de fixar o nosso olhar no Samaritano que não deixou o próximo caído no chão. Sem caminho percorrido não se vislumbra a meta. O regresso à família estável, e bem melhor ao modelo nazareno, é um remédio eficaz para um desenvolvimento social sustentável. Nas margens vão crescendo ainda muitos idosos, tão vulneráveis e indefesos como as vidas nascentes. Cruzar os braços em face destes sinais, pode ofuscar os benefícios do lar familiar ancestral e as saudades do futuro que sonhamos já desde o presente. □